

CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA PUCRS (MESTRADO)

Instituto de Letras e Artes

- Linguística Aplicada
 - Teoria da Literatura
 - * Recredenciado pelo Parecer nº 639/93 do C.F.E. de 07/10/93
 - * Conceito CAPES: A
- Informações: ILA - Fone (051) 339.1511 - ramal 3176

O QUE A CRIANÇA NÃO NOS DIZ - O LUGAR DA EMPÍRIA NO MODELO CHOMSKIANO

RUTH ELISABETH VASCONCELLOS LOPES
UFSC

1 - INTRODUÇÃO

Meu objetivo nesta comunicação, em última instância, é o de refletir sobre o lugar do dado nos estudos sobre a aquisição de linguagem dentro da metodologia chomskiana, em outras palavras, o lugar da empiria em um modelo racionalista.

O ponto de alinhavo será "a natureza da criança chomskiana" e sua possibilidade teórica como colocada desde a fundação da Teoria Gerativa até o modelo de Princípios e Parâmetros (doravante, P&P). Estarei, assim, sempre falando de dentro desta teoria.

2 - E A EPISTEMOLOGIA SE FEZ BIOLOGIA

Desde sempre Chomsky colocou algumas questões centrais, definidoras do modelo gerativo.

Cito Chomsky (1988):

"Uma pessoa que fala uma língua desenvolveu um certo sistema de conhecimento, representado de alguma forma em sua mente e, em última instância, em seu cérebro através de alguma configuração física". (p. 3, minha tradução)

O autor prossegue, então, dizendo que é preciso enfrentar questões se se quer inquirir sobre os tópicos acima. Enumera, assim, quatro questões:

- I. qual o sistema de conhecimento que envolve a faculdade da linguagem?
- II. como esse sistema emerge na mente/cérebro do falante nativo?
- III. como esse conhecimento é colocado em uso?
- IV. quais são os mecanismos físicos que servem como base material para esse sistema de conhecimento e para o uso desse sistema?

Embora Chomsky as agrupe, apenas as duas primeiras fazem parte da pauta teórica, representando os dois nortes epistemológicos. Resumidamente, a primeira resgata a herança cartesiana; a segunda o Problema de Platão. Quanto à terceira, o próprio autor admite que não tem muito a dizer sobre ela, circunscrevendo-a à *criatividade* linguística dos falantes/ouvintes. A quarta está fora de seus planos. Senão vejamos o que nos tem a dizer:

"Apenas a partir das respostas fornecidas pelos lingüistas às questões 1, 2 e 3 é que os neuro-cientistas poderão começar a explorar os mecanismos físicos que exibem as propriedades reveladas na teoria abstrata dos lingüistas. Na ausência de respostas a essas perguntas, os neuro-cientistas não sabem o que procurar. Nesse sentido, sua inquirição é cega. /.../ Quando falamos em mente, estamos falando de algum nível de abstração de mecanismos físicos do cérebro ainda desconhecidos, tanto quanto aqueles que falavam sobre a valência do oxigênio ou sobre o anel de benzeno estavam falando de algum nível de abstração sobre mecanismos físicos então desconhecidos." (op. cit., p. 6, 7, minha tradução)

Descartadas, portanto, as questões 3 e 4, vamos nos ater à 2 por envolver diretamente a aquisição de linguagem. Como ressaltai acima, as duas primeiras questões são fundadoras e norteadoras do modelo. A natureza da criança chomskiana foi, desde o início da Teoria Gerativa, a epistemológica. O inatismo é o cerne mesmo do modelo; desvendá-lo, uma de suas tarefas.

Porém, a aquisição, uma vez colocada epistemologicamente, não teria como se transformar em um programa de pesquisa, já que o aparato da teoria da gramática – a busca das respostas a 1 – não era adequado para isso. Não quero dizer, com essa afirmação, que não tenha havido estudos de aquisição na linha inatista nos modelos pré-1981, havia; mas espero que meu silêncio sobre eles seja significativamente interpretado. O que coloco é que o lugar reservado à criança é o lugar da episteme e não da empiria e nesse lugar ela permaneceu confortável e primordialmente até recentemente.

A partir de 1981, com o modelo de P&P, a criança chomskiana ganha um novo lugar, aquele da biologia; sua natureza agora é genética. Contudo, em função do desenvolvimento da teoria da gramática, ela ganha também o estatuto de objeto, passando a ser um programa de pesquisa. Embora P&P seja muito atraente como idealização teórica para a aquisição, ainda não há uma clara formulação do que seja um parâmetro. Talvez um dia essa questão venha a se delinear com mais clareza a partir da distinção entre categorias substantivas (classes abertas de palavras) e funcionais (classes fechadas) no âmbito da teoria da gramática, sendo as categorias funcionais as responsáveis pela variação entre as línguas e, portanto, o espaço paramétrico. Entretanto, por este motivo, há uma proliferação cada

vez maior, na literatura, de propostas de novas categorias funcionais: o tênue limite entre quebra-cabeças notacionais e a plausibilidade de uma gramática para a criança parece fugir do controle.

Se me entendem, a teoria da gramática se tornou extremamente poderosa e é a partir de suas categorias que os trabalhos em aquisição têm-se desenvolvido.

3 – O PARADOXO METODOLÓGICO

Metodologicamente, um gerativista deve trabalhar com intuições de falantes nativos de uma dada língua, já que busca refletir a competência de um falante/ouvinte – sua língua interna (um "mentalês", poderíamos arriscar, seguindo Pinker, 1994). Qual o lugar empírico da criança adquirindo uma língua, nesta metodologia? Certamente não há como lhe pedir juízos de gramaticalidade acerca do que produz. Conclusão: metodologicamente a criança chomskiana deve voltar a ser um objeto epistemológico (por extensão, também, as questões de mudança linguística, já que igualmente somos incapazes de julgar, digamos, orações do português do século XV).

A questão que nos colocamos, contudo, é se o lugar empírico é improvável apenas na aquisição ou também na teoria da gramática. Como já apontamos, análises propostas no âmbito da teoria têm trazido para dentro da sintaxe um sem-número de categorias funcionais. Essas categorias, postuladas como parte da GU (gramática universal), são transferidas para os estudos de aquisição, ou seja, a tarefa do pesquisador em aquisição tem, desta forma, se resumido a "justificar" tais categorias na produção da criança, tentando dar conta de sua suposta presença – ou ausência – em determinados momentos do processo de aquisição.

Assim, da mesma forma que a teoria da gramática olha para os dados a partir de sua gramaticalidade e despreza quaisquer outras explicações advindas, por exemplo, de uma teoria de *performance*, abarcando para dentro de si um número cada vez maior de categorias, aqueles que fazem aquisição de linguagem no modelo gerativo olham para os dados de produção de crianças em fase de aquisição e, à guisa de juízos de gramaticalidade, impingem-lhes tais categorias.

Muitos há que vêem a saída para o paradoxo metodológico, no que tange à aquisição, na psicologia experimental. O espírito é o seguinte: já que a criança não tem como emitir juízos de gramaticalidade, montem-se experimentos em que se possam testar determinados princípios e/ou parâmetros que ela deve adquirir. Crain, um psicólogo experimental, em artigo intitulado *Language acquisition in the absence of experience (Aquisição de linguagem na ausência de experiência)*, embora entusiasta inatista, chama a atenção para o fato de que os dados que não se acomodam à teoria da

GU possam refletir, na realidade, fatores não-sintáticos. Mas isso não resolve o nosso problema, porque ainda assim teríamos que saber o que é sintático e ainda estaríamos partindo do lugar que define o sintático – a teoria da gramática. Sem mencionar, é claro, os problemas intrínsecos à psicologia experimental.

Resta-nos uma alternativa: examinar a criança de natureza biológica.

4 – MODULARIDADE E SELEÇÃO

A partir de P&P, a criança chomskiana, deslocada do eixo epistemológico, adquire uma outra característica: como nunca antes, é ela agora uma criança genética, diria biológica. Citando Chomsky (1988):

"... certos aspectos de nosso conhecimento são inatos, parte da herança biológica, geneticamente determinada, como os elementos de nossa natureza comum que faz com que desenvolvamos braços e pernas ao invés de asas". (p. 4, minha tradução)

Como tal, ela traz consigo alguns pressupostos, admitidos teoricamente, prescindidos empiricamente.

Destaco dois:

a) a faculdade da linguagem é específica e especializada. A consequência dessa afirmação é admitir a modularidade. Voltamos a ela logo a seguir.
b) a única forma de preservar a tese inatista é admitir uma teoria "seletiva" contra uma "instrutiva", ambas da biologia. Rapidamente: uma teoria instrutiva prevê que o organismo seja totalmente estruturado a partir do meio exterior, enquanto que uma teoria seletiva prevê que um tal organismo seja altamente estruturado internamente, tratando o meio externo a partir dessa estruturação interna. De acordo com esta última teoria, então, a ação da experiência sobre o organismo é limitada, uma vez que só poderá agir sobre possibilidades já previamente estruturadas no organismo.

A admissão de um sistema inato altamente rico e estruturado, presente, portanto, antes de qualquer contato com o mundo exterior já descarta a idéia de aprendizagem no sentido lato do termo. Porém, não é o que se verifica em estudos de aquisição cujas teses são fortemente desenvolvimentalistas, na tentativa de equacionarem o dito "problema lógico da aquisição", isto é, a aparente não-instantaneidade no acionamento dos parâmetros, ou, se preferem, o calendário de acionamento paramétrico. Isso nos leva a uma nova falácia: embora, no âmbito da teoria da gramática, a GU se apresente cada vez mais poderosa, admiti-la, mas limitando-a através de teses desenvolvimentalistas significa acreditar na parcimônia da natureza, na optimalidade do design biológico, na origem adaptativa de cada traço biológico (isso vale para as questões de mudança lingüística), e o que é

pior, na natureza primitiva do que é inato – tudo o que é fortemente ligado a teorias instrutivas. É como dar a luz um neo-Darwinismo patológico.

Cito Piattelli-Palmarini (1989):

"Os repertórios inatos, como concebidos atualmente, são verdadeiramente imensos. [...] A chave para o problema desenvolvimentalista é, agora, o de nos livrarmos do que é supérfluo através de seleção interna e de gerarmos estruturas mais complexas através de uma pré-estrutura (build-up) ontogenética seletiva." (p. 12, minha tradução)

O autor está aí falando do ponto de vista de quem trabalha com a teoria seletiva, mostrando-nos que o inatismo assim concebido ("seletivamente") é incompatível com a visão inatista daqueles que fazem aquisição no modelo gerativista, justamente porque estes tentam imprimir ao processo um calendário que se traduz, em última instância, em ordenações de estruturas lingüísticas, além de não saberem muito bem como tratar o *input* (experiência lingüística a que a criança está exposta), tentando também limitá-lo. Não terei mais a dizer sobre isso, remetendo o ouvinte a Piattelli-Palmarini (op. cit.) e Moino (1994).

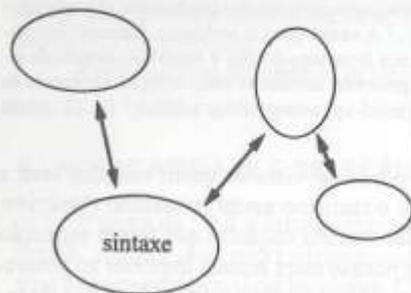
Volto, agora, à questão da modularidade. Como apontei acima, afirmar a especialização da faculdade de linguagem significa afirmar a modularidade, ou seja, se a faculdade da linguagem é um dos sistemas de conhecimento, ela interage com os demais. É preciso saber, no entanto, o que estamos chamando de linguagem. Creio estarmos aqui diante de um dilema ovo/galinha; em outras palavras, o que vem primeiro, a definição de linguagem ou a de modularidade? Essa preocupação terminológica, aliás, vem do próprio Chomsky:

"Ao buscar um questionamento sério sobre linguagem, necessitamos de precisão conceitual e, portanto, devemos refinar, modificar ou simplesmente substituir os conceitos de uso comum, assim como a física atribui um significado técnico preciso a termos como, 'energia', 'força' e 'trabalho', partindo de conceitos obscuros e imprecisos do uso comum". (op. cit, p. 37, minha tradução)

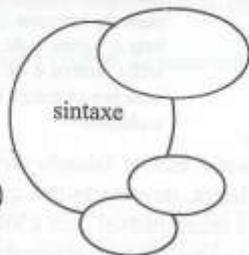
Mas vejamos. Se se admite uma definição de modularidade a la Fodor (1983), portanto, módulos específicos a cada domínio, encapsulados (isto é, incapazes de lidar com outras fontes de informação) e contendo uma arquitetura neuronal fixa, estamos delimitando bastante o âmbito da GU, o que significa restringir língua (*gem*) à sintaxe. Porém, atualmente – arriscaria mesmo a dizer que muito a partir do Programa Minimalista (Chomsky, 1992) – tem-se falado muito em "interfaces". Talvez não seja à toa que a ABRALIN Internacional, recentemente realizada em Salvador, tenha apresentado um certo número de mesas sobre 'sintaxe e fonologia', 'sintaxe e léxico', 'sintaxe e semântica', etc. Trabalhar com uma tal visão significa expandir o domínio de um componente, buscando estabelecer

quais "pedaços" dos demais devem ser trazidos para dentro do domínio da sintaxe, por exemplo. Graficamente teríamos:

a) módulos encapsulados



b) interfaces



O que se busca, então, na criança biológica? Um módulo sintático encapsulado, restringindo-se a ele a GU, ou um módulo que não pode prescindir de interfaces, expandindo, assim, o âmbito da GU? Seguindo o apelo de Chomsky, que citei ainda há pouco, acabaríamos com definições distintas de linguagem. Porém, estas não são questões que andem em pauta nos programas gerativistas de aquisição, embora façam uma grande diferença. Pressupor um ou outro modelo significa pressupor crianças biologicamente distintas. Muito embora, contemplar tais questões (tanto a da seleção, quanto a da modularidade), ainda que absolutamente necessárias a meu ver, não resolve o problema empírico, torna-o mais complexo.

5 – PALAVRAS FINAIS

Como vimos, a criança chomskiana nasceu epistemológica, tornou-se biológica, mas não pode chegar a ser empírica, muito embora tenha-se tornado um programa de pesquisa. De qualquer forma, o que se busca não é mesmo o que empiricamente se apresenta. Talvez o seu lugar privilegiado deva ser de fato o da episteme, pelo menos na equação entre as perguntas 1 e 2, em que as discussões das possibilidades teóricas promovidas pela aquisição (portanto, em 2) pudessem lapidar o jogo notacional promovido pela teoria da gramática (em 1). Ou ainda, ao contrário do que acredita Chomsky, esperar até que se tenha o devido respaldo das neuro-ciências para que a criança biológica venha a existir, buscando na "cegueira" de tais pesquisas a luz no fim do túnel, lembrando sempre que de qualquer forma essa relação é complexa e extremamente perigosa porque envolve um nível de implementação físico e uma entidade indefinível chamada mente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHOMSKY, N. (1988) *Language and Problems of Knowledge*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- CHOMSKY, N. (1992) A Minimalist Program for Linguistic Theory. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, 1.
- CRAIN, S. (1991) Language acquisition in the absence of experience. *Behavioral and Brain Sciences*, 14, p. 597-650.
- FODOR, J. A. (1983) *The Modularity of Mind*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- MOINO LOPES, R. (1994) *Input, seleção e sintaxe mínima*. Trabalho apresentado na 46ª Reunião Anual da SBPC, Vitória-ES.
- PIATTELLI – PALMARINI, M. (1989) Evolution, selection and cognition: from "learning" to parameter setting in biology and in the study of language. *Cognition*, 31, p. 1-44.
- PINKER, S. (1994) *Language Instinct*. Cambridge, Mass: MIT Press.